



VOZES FEMININAS, NARRATIVAS MATEMÁTICAS : DESAFIANDO A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE

EIXO 12 - Gênero e Profissionalização Docente: Desafios do Tempo Presente

Jádila da Silva Novaes¹
Gerson dos Santos Farias²

RESUMO

Este trabalho investiga as interseções entre a violência de gênero e a formação docente em matemática, por meio de uma abordagem autobiográfica, intitulada “Vozes femininas, narrativas matemáticas: uma autobiografia sobre violência de gênero e formação docente”. A pesquisa, como parte do meu trabalho de conclusão de curso, analisa como experiências pessoais de abuso e assédio impactam na trajetória acadêmica e profissional de mulheres que ingressam na licenciatura em matemática, bem como seus efeitos no processo identitário, na autoestima e no empoderamento. Fundamentada, principalmente, no estudos feministas de bell hooks e Chimamanda Ngozi Adichie, estamos construindo uma pesquisa (auto)biográfica, a partir dos estudos de Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Maria da Conceição Passeggi, por isso, flertamos com o plano da vida e com ele produzimos a partir da nossa própria existência. A investigação utiliza narrativas autobiográficas e rodas de conversa como técnicas de produção de dados, criando um espaço seguro para o compartilhamento e a resignificação de vivências marcadas por desafios e superações. Os resultados preliminares apontam que a externalização dessas experiências, por intermédio do ato narrativo, possibilitam o empoderamento e a (auto)transformação pessoal, promovendo uma prática educativa mais inclusiva e humanizada. O estudo, portanto, não se limita a relatar os nossos episódios traumáticos, mas propõe uma reflexividade narrativa com os mecanismos de violência presentes na trajetória de formação docente. De modo a evidenciar o potencial do ato de narrar como ferramenta de cura, resistência e resignificação da própria vida, contribuindo para a uma produção narrativa autobiográfica com as nossas experiências e oferecendo subsídios para a construção de espaços de diálogo e reflexão de narrativas femininas como potência para um política de (auto)transformação.

Palavras-chave: violência de gênero, autobiografia, formação docente, empoderamento, narrativas.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, jadilanoaves@gmail.com;

² Doutorando do Curso de Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Professor do Departamento de Ciências Exatas (DCET) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no Curso de Licenciatura em Matemática e Pedagogia, gerson.farias@uesb.edu.br.



A formação docente em matemática, direta ou indiretamente, reflete tensões sociais que ultrapassam o âmbito estritamente técnico; entre elas, a violência de gênero se configura como barreira à permanência, ao pertencimento e ao reconhecimento de mulheres em espaços historicamente marcados pelo machismo. A inserção das mulheres nesse campo do saber científico e profissional ainda envolve disputas de narrativas, que demarcam um ecoar de vozes, lugares e legitimidades. Apesar dos avanços no acesso ao ensino superior, ainda percebemos formas sutis e/ou explícitas de silenciamento - como interrupções constantes, dúvidas dirigidas apenas aos homens ou o descrédito das falas femininas – são estratégias que podem minar a autoestima, a identidade profissional e a permanência das futuras professoras de matemática. Essas manifestações, longe de serem pontuais, se articulam a estruturas patriarcais presentes nas instituições e nas relações que as sustentam. Como nos alerta bell hooks (2013, p. 13), “[...] o espaço da sala de aula é um local de possibilidades, mas também é um local onde se manifestam todas as formas de dominação” (hooks, 2013, p. 13).

Frente a isso, este trabalho propõe-se a investigar as interseções entre violência de gênero e formação docente em matemática por meio da autobiografia intitulada “Vozes Femininas, Narrativas Matemáticas: uma autobiografia sobre violência de gênero e formação docente”. A pesquisa justifica-se pela necessidade de visibilizar como experiências de abuso e assédio - muitas vezes silenciadas - impactam trajetórias acadêmicas, autoestima e construção identitária de mulheres que ingressam no curso de licenciatura em matemática, contribuindo para a reflexão sobre práticas educativas inclusivas e humanizadas.

Esta reflexão se ancora também nas palavras de Chimamanda Ngozi Adichie, que, ao discutir as marcas do machismo em nossa socialização, afirma: “Ensinamos as meninas a encolherem-se, a diminuírem-se. Dizemos a elas: ‘você pode ter ambição, mas não muita’” (ADICHIE, 2012, p. xx). Em contextos acadêmicos, essas normas se reproduzem, sugerindo que mulheres devem ser capazes, mas não visíveis demais..., inteligentes, mas não confrontadoras... e, isso, fica ainda mais complexo quando transportamos a discussão para o campo das ciências ditas exatas. Essa complexidade é destacada por Gaudêncio (2021) que lança um olhar crítico sobre como estereótipos historicamente construídos



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



sustentam uma hierarquia de gênero na educação matemática, em que atributos como racionalidade e objetividade são associados ao masculino, enquanto às mulheres caberia um papel secundário e “menos visível” na disciplina. Essa análise revela que não se trata apenas de preconceitos isolados, mas de um conjunto de normas sociais que, ao longo do tempo, forjam trajetórias acadêmicas distintas para meninos e meninas, desencorajando a ocupação plena de espaços de poder e reconhecimento em matemática.

Em complemento, Nunes (2021) apresenta dados empíricos que ilustram na prática esse confinamento: enquanto as mulheres representam mais da metade dos graduados em ciências exatas, sua presença cai para 27% no mestrado e 24% no doutorado em matemática, configurando um “efeito funil” que elimina progressivamente as estudantes mais qualificadas. Esses números evidenciam que, além das barreiras simbólicas apontadas por Gaudêncio, existem obstáculos institucionais e estruturais—como falta de apoio, redes de contato e visibilidade acadêmica—que aprofundam a desigualdade à medida que se avança na carreira científica.

Diante disso, nossa escrita tem por objetivo analisar como experiências pessoais de abuso e assédio impactam na trajetória acadêmica e profissional de mulheres que ingressam na licenciatura em matemática, bem como seus efeitos no processo identitário, na autoestima e no empoderamento. Metodologicamente, fundamenta-se na pesquisa (auto)biográfica, a partir da produção de narrativas autobiográficas e rodas de conversa como técnicas de produção de dados, criando um espaço seguro para as participantes relataram experiências vividas e refletirem coletivamente sobre elas. A análise conjunta de relatos e registros fotográficos buscou identificar aproximações e distanciamentos relativos ao processo de empoderamento, reflexividade e práticas pedagógicas humanizadas.

Nesse sentido, Menna Barreto Abrahão (2020) argumenta que a escrita de si permite que sujeitos em formação atribuam novos sentidos às suas experiências, reconstruindo-se enquanto educadoras. A autora compreende que as narrativas autobiográficas são tanto ferramenta de investigação quanto instrumento de formação. De forma complementar, Maria da Conceição Passeggi (2011) afirma que, ao narrar a própria vida, o sujeito educador mobiliza afetos, ética e alteridade, criando possibilidades de reflexão profunda sobre o papel da escuta, da memória e da solidariedade nos processos educativos.



Logo, discussões preliminares evidenciam que externalizar as experiências de violência fortalece o sentimento de pertença e autoria sobre a própria história, estimula o desenvolvimento de estratégias de superação e contribui para a adoção de posturas pedagógicas que valorizem a diversidade e a escuta sensível às vítimas. A narrativa autobiográfica se revela, assim, ferramenta potente de resistência e de (auto)transformação, oferecendo subsídios para o movimento e o debate das políticas de gênero na universidade, em especial nos cursos das ciências ditas exatas.

Em síntese, nossa pesquisa, ainda em andamento, alia um referencial teórico feminista à produção narrativa autobiográfica, delineando caminhos para uma formação docente em matemática comprometida com a equidade de gênero e a humanização do processo educativo.

METODOLOGIA

A metodologia do estudo é de natureza qualitativa, fundamentando-se na pesquisa (auto)biográfica, em que a pesquisadora assume o papel de refletir sobre e com a própria trajetória. De acordo com Passeggi (2011), as narrativas autobiográficas podem designar diversas modalidades de textos - orais, escritos, audiovisuais - nos quais o sujeito toma a própria história como possibilidade de reflexão. Para investigar as interseções entre violência de gênero e formação docente em Matemática, convidamos para a roda de conversa um grupo de graduandas e docentes da Licenciatura em Matemática da UESB, todas com experiências de assédio ou desconforto em ambientes acadêmicos. Após assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), realizamos a roda de conversa no espaço reservado no Laboratório de Ensino da Matemática (Labomat), cuidadosamente ambientado com elementos acolhedores, para promover clima de escuta ativa e empática. A sessão, de aproximadamente duas horas, iniciou com estímulos musicais e dinâmicas leves, seguida com leituras semiestruturadas de poemas selecionados e perguntas abertas sobre violência de gênero e foi concluída com relatos pessoais, permitindo às participantes expressarem suas vozes e suas reflexões mais íntimas.

O registro audiovisual - por meio de gravador digital e fotografia - e o diário de campo da pesquisadora garantiram a sutileza nos detalhes da pesquisa, ao captar nuances não verbais e produções estéticas que enriqueceram a análise. Todas as gravações foram

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



transcritas integralmente, respeitando marcações de tempo e entonação, e os registros visuais foram legendados e numerados. A análise das narrativas ocorreu em duas etapas: leitura atenta das falas e imagens para identificação das temáticas (silenciamento, estratégias de enfrentamento, ressignificação corporal, empoderamento), seguida de agrupamento em eixos analíticos.

Este procedimento foi conduzido em estrita conformidade com as normas éticas vigentes e todas as participantes foram informadas quanto a objetivos, riscos e benefícios, assegurando-se anonimato e direito de desistência a qualquer momento. As autorizações de uso de imagem foram formalizadas em termo específico, garantindo que fotografias e produções artísticas comporão apenas ilustrações dos resultados no presente trabalho. Dessa forma, a metodologia adotada sustenta a centralidade nas vozes da experiência vivida e na produção colaborativa de sentidos, oferecendo subsídios rigorosos para a análise das narrativas femininas na formação docente em Matemática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A roda de conversa realizada como parte da construção deste trabalho não foi apenas uma técnica metodológica para produção de dados, mas a materialização de uma necessidade pessoal: criar um espaço seguro onde outras mulheres pudessem compartilhar experiências que, embora singulares, se entrelaçam com a minha própria trajetória, marcada por episódios de assédio, silenciamento e ansiedade.

Ao revisitar minha história por intermédio da escuta das outras, percebo que muitas das palavras ditas naquela noite ecoavam vivências que eu mesma carregava, como raízes fincadas em uma mesma terra de dor, mas também de resistência. A análise da roda permitiu identificar três grandes unidades que emergiram das falas das participantes: o silenciamento como rotina, o corpo como campo de batalha e a palavra como libertação.

O primeiro eixo, “silenciamento como rotina”, diz respeito à normalização de pequenas e grandes violências no cotidiano acadêmico. Depoimentos que relatam interrupções constantes em sala de aula, dúvidas postas apenas quando é uma mulher quem explica ou olhares que deslegitimam sua presença no espaço das ciências ditas exatas, demonstram como o silêncio é imposto mais pela repetição do que pela força. Esse padrão revela que não se trata de eventos isolados, mas de um sistema estrutural que

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

naturaliza o desrespeito à voz feminina. Conforme Ben Hooks, “[...] a educação que a maior parte de nós tinha recebido e que estávamos exercendo não era e nunca poderia ser politicamente neutra” (hooks, 2013, p. 30). Essa afirmação destaca como as estruturas educacionais, muitas vezes, perpetuam desigualdades de gênero, silenciando vozes femininas no espaço do conhecimento.

O segundo eixo, “o corpo como campo de batalha”, reúne falas que expressam como a experiência de ser mulher está, frequentemente, associada a um estado de alerta constante. Foram compartilhados episódios de assédio físico, olhares invasivos e comentários inapropriados dentro e fora da universidade. Esses relatos mostram como o corpo feminino é politizado, controlado e, muitas vezes, visto como um objeto a ser avaliado e não como sujeito de saber. Como também destacam Gaudêncio (2021, p. 15), ao analisar as relações de poder que atravessam o espaço acadêmico de exatas, “[...] a presença das mulheres na educação matemática ... não se faz sem obstáculos e desafios, uma vez que o raciocínio matemático, sinônimo de razão e genialidade, é concebido como características ‘masculinas’”; e Nunes (2021, p. 32), ao discutir a reprodução de estereótipos de gênero na formação de docentes de matemática, que observou que “[...] os estereótipos criados por pais e professores acabam por dificultar o processo de aprendizagem das meninas, reforçando um ambiente de insegurança e silenciamento”. A recorrência dessas falas reforça a ideia de que o assédio e a insegurança atravessam não só o percurso acadêmico, mas também o emocional e psicológico das participantes, criando bloqueios para o aprendizado, a fala pública e a construção de autoridade docente.

Por fim, a terceira unidade, “a palavra como libertação”, aponta para o poder curativo do ato de narrar. Ao compartilhar suas histórias, muitas das participantes disseram, pela primeira vez, terem se sentido ouvidas sem julgamento. Os relatos escritos em forma de cartas e os desenhos realizados durante a dinâmica mostraram como a linguagem – seja falada, escrita ou visual – pode abrir brechas para o recomeço. A escuta mútua entre mulheres, o acolhimento e o reconhecimento da dor da outra, produziram uma atmosfera de reconstrução coletiva. Esse momento também revelou um novo caminho: não o da negação da dor, mas o da leveza possível ao abraçarmos nossas histórias juntas.

Mais do que dados, produzimos vozes em busca de pertencimento, experiências que se cruzam e formam uma rede de apoio que, ainda está no início, se sustenta pelo afeto. A roda de conversa, assim, transbordou os limites da metodologia e se consolidou



como um gesto político de resistência e de reconstrução. O ato de narrar, nesse contexto, torna-se um instrumento de cura, de denúncia e de transformação – não apenas das histórias contadas, mas da própria pesquisadora e da prática docente que se propõe construir a partir delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos analisar como experiências pessoais de abuso e assédio impactam na trajetória acadêmica e profissional de mulheres que ingressam na licenciatura em matemática, bem como seus efeitos no processo identitário, na autoestima e no empoderamento. Tomando como ponto de partida a minha própria trajetória e ampliando o olhar por meio da escuta sensível proporcionada na roda de conversa com outras mulheres em formação ou já inseridas na docência. O que emergiu desse encontro de vozes foi a constatação de que, embora cada vivência possua suas particularidades, os caminhos da dor, do silenciamento e da resistência são, em muitos aspectos, compartilhados.

A experiência de narrar - seja escrevendo, falando ou desenhando - demonstrou ser, ao mesmo tempo, um gesto de coragem e um ato de cura. A escuta ativa e o acolhimento entre mulheres revelaram uma rede de afetos que não apenas sustenta, mas transforma. A formação docente, nesse contexto, precisa ir além da técnica: deve incluir o cuidado, o reconhecimento da subjetividade e a criação de espaços onde os corpos e as histórias de suas futuras professoras sejam respeitados, escutados e legitimados.

Como resultado, percebe-se que a produção de narrativas autobiográficas, aliada a metodologias participativas e sensíveis, pode contribuir, significativamente, para a produção de conhecimento mais humano, engajado e transformador. Este estudo, ainda em andamento, aponta a importância de políticas institucionais que reconheçam e combatam a violência de gênero nos espaços de formação, e que acolham narrativas como formas legítimas de expressão e produção de sentido.

É urgente que novas pesquisas avancem nesse campo, ampliando o debate sobre gênero nas licenciaturas, especialmente nas áreas ditas exatas, onde esse tema ainda é marginalizado. Investigações futuras podem explorar com mais profundidade os efeitos de práticas pedagógicas sensíveis ao gênero, os impactos do apoio institucional e a presença de redes de acolhimento nas trajetórias acadêmicas femininas.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Concluir esta etapa do trabalho é também recomeçar. Fica o compromisso de seguir escrevendo, escutando e propondo novos espaços de fala para que outras vezes também possam florescer em palavras, e para que ser mulher na matemática deixe de ser resistência solitária e se torne, cada vez mais, construção coletiva.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists**. TEDxEuston, 2012. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=en. Acesso em: 22 abr. 2025.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A pesquisa narrativa (auto)biográfica. **Diálogo Educacional**, v. 24, n. 80, p. 17–36, 2024. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2024000100170&script=sci_arttext. Acesso em: 22 abr. 2025.
- GAUDÊNCIO, Eliane Kelli. **Relações de Gênero na Matemática**. 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2018/TRABALHO_EV129_MD1_SA27_ID1226_07102019170245.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: [Portal de Periódicos UNISANTOS+5Revista UEPB+5Revistas UECE+5](#). Acesso em: 22 abr. 2025.
- NUNES, Maria Sara Andrade. **A desigualdade de gênero na matemática: aspectos históricos e atuais**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20616>. Acesso em: 27 maio 2025.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas: solidariedade e ética em educação. **Rizoma Freireano**, n. 11, 2011. Disponível em: <https://www.rizoma-freireano.org/articles-1111/narrativas-autobiograficas-solidariedade-e-etica-em-educacao-maria-da-conceicao-passeggi>. Acesso em: 22 abr. 2025.